

O doce-amargo da cana-de-açúcar⁶

*Blanchard Girão*⁷

A cana-de-açúcar parece mesmo destinada a ditar os rumos da economia brasileira. Na colônia, os engenhos produziam a riqueza dos barões da casa-grande com o suor e sangue do negro. É um dos mais tristes capítulos da história de nosso País. Mas foi ela, por certo, que alavancou o desenvolvimento através da sua cultura extensiva, ocupando, com quase exclusividade, as melhores terras úmidas do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de São Paulo e de tantos outros pontos do nosso imenso território. O ciclo da cana-de-açúcar, tão bem descrito por escritores como José Lins do Rego e José Américo de Almeida, foi aos poucos cedendo espaço a outras culturas, o café em primeiro plano, enquanto abriam-se amplas perspectivas para a pecuária bovina e o cultivo de grãos.

Eis que, na evidência preocupante do aquecimento da temperatura terrestre, associado ao esgotamento das reservas petrolícas, volta a cana-de-açúcar a assumir posição relevante na cena econômica nacional.

A visita do presidente dos Estados Unidos deixou um rastro polêmico sobre o futuro do bem-sucedido programa de produção do etanol, como alternativa energética da sociedade industrial subjugada às jazidas do denominado “ouro-negro”, com o comprovado envenenamento da atmosfera pelo CO₂, lançado das chaminés e dos motores em combustão de milhões de veículos em todo o globo.

O aceno norte-americano para uma parceria com o Brasil na produção e comercialização do etanol aguçaria os planos de ampliação da cultura canavieira no Brasil. Voltaríamos a ter, com renovada força, um novo ciclo da cana-de-açúcar, agora a transformar-se em álcool.

O Greenpeace já deu o alerta; o presidente da Venezuela também lançou seu brado de advertência: “Vão tirar alimento da boca dos pobres para mover os carros dos ricos.” É preciso cuidado, senão teremos só o doce amargo da cana.

6 O POVO, Fortaleza, 26 mar. 2007. Opinião, p.8

7 Último artigo escrito por Blanchard Girão.